

UMA ANÁLISE DISCURSIVA DO AMOR

Bianca Celistre Frota¹

RESUMO: Trata-se de uma alusão aos aspectos introdutórios da Análise do Discurso sob o ponto de vista de dois grandes expoentes da disciplina, Michel Pêcheux e Michel Foucault. Vinculada tanto à língua como as ciências sociais, a AD busca compreender um espaço nas quais ambas se interligam e conversam entre si, o discurso. Para entender como proceder tal análise foi escolhido uma obra, foi caracterizada, analisada e transcritos alguns de seus trechos no intuito de compreender o efeito discursivo da obra, ou mesmo, quais ideologias a circundam. A obra *Eu sei que Vou Te Amar*, por Arnaldo Jabor, trata da temática amorosa, dos relacionamentos, mas principalmente dos conflitos que os envolvem. Um olhar reflexivo para com esta obra significa também um olhar reflexivo sobre o discurso amoroso e todos os outros discursos que existem por trás dele.

Palavras-chave: Análise do Discurso. Discurso Amoroso. *Eu Sei que Vou te Amar*.

3421

1. INTRODUÇÃO

Trata-se de um trabalho de pesquisa em Língua Portuguesa, com enfoque na disciplina Análise do Discurso (AD). Propõe-se a realizar uma análise discursiva da obra *Eu Sei Que Vou Te Amar*. Sobre a questão que norteia esta pesquisa, destaca-se: Qual é o efeito discursivo da obra, ou mesmo, quais ideologias a circundam?

É, pois, o principal objetivo desta pesquisa compreender as construções ideológicas presentes na obra. Para tanto, far-se-á necessário definir o que é Análise do Discurso, sintetizar a obra escolhida para análise, analisar o contexto em que a obra foi escrita, analisar criticamente o texto (ou analisar as estruturas internas do texto), identificar a forma de construção da obra, definir a mensagem que o texto pretende transmitir e qual efeito deseja produzir e com que objetivo.

¹ Mestranda na Universidad Europea del Atlantico - UNEATLANTICO, Orientadora Educacional na Rede Estadual de Educação do Rio Grande do Sul, Professora de Língua Portuguesa do Ensino Básico na Rede Municipal de Porto Alegre.

É importante considerar a relevância (ou a justificativa) deste trabalho para o desenvolvimento da área de Língua Portuguesa, pois consigo traz a possível compreensão do espaço em que vivemos sob uma ótica diferenciada, ou seja, ganhamos uma nova percepção de mundo, mais crítica, mais desperta. Considerar criticamente aquilo que lemos ou ouvimos significa ressignificar todos os nossos velhos conceitos e confrontá-los com uma verdade oculta ou esquecida. Significa ainda transformar-nos através da visão de um outro sujeito, o sujeito que está por trás daquilo que dizemos, do discurso que proferimos, das ideias que julgamos originais e que, no entanto, foram reproduzidas.

Para isso é fundamental que compreendamos as ideologias presentes nos discursos que nos são dirigidos, também naqueles que proferimos, é necessário que entendamos as mensagens, os objetivos e os efeitos que determinado discurso produz (ou tenta produzir) em nós.

Não é aceitável que sejamos passivos frente aos textos e contextos que vivenciamos diariamente. Precisamos identificá-los, conhecê-los e, por que não também analisá-los? É justo que entendamos a realidade a nossa volta e, em um mundo no qual a comunicação é a principal “arma” para garantir a paz, faz-se necessário sermos críticos diante dos discursos que nos apresentam, a fim de que não sejamos massa de manobra, tampouco massa de coisa nenhuma.

Para intensificar esta análise é interessante fazermos uso de um dos discursos mais presentes em nosso cotidiano: o discurso amoroso. O livro *Eu Sei Que Vou Te Amar*, por Arnaldo Jabor, é fascinante e rico em recursos estéticos, em mensagens e diálogos e efeitos. "Tem uma coisa em 'Eu Sei que Vou Te Amar' que fala muito aos jovens, uma visceralidade, um radicalismo", avalia Jabor.

Roland Barthes propõe em sua obra, *Fragmentos do Discurso Amoroso*, uma “desmarginalização” à linguagem do amor, ao devolver a alma deste sentimento. Não por acaso, o amor é alvo de tantas elucidações e explicações e, também, não por acaso que a obra de Jabor, provoca e instiga tanto o seu leitor.

Você vai entrar pela porta que eu deixei entreaberta, há uma hora que eu não descolo os olhos da luz de neon do hall que se filtra como um prenúncio da tua chegada. Antes de você chegar você já chega como uma nuvem que vem na frente, antes de você chegar, eu ouço tua ansiedade vindo, tua luz, teu som nas ruas, teu coração batendo mais forte porque vai me encontrar... (JABOR, Arnaldo. *Eu Sei Que Vou Te Amar*.)

Arnaldo Jabor ganha cena ao adaptar o filme *Eu Sei Que Vou Te Amar* em sua obra fantástica. O livro que fez sucesso pelo diálogo fervoroso de um casal recém-separado agora é alvo de uma análise discursiva implacável. Uma sondagem tanto do livro, quanto do filme, mas

principalmente da história e sua essência. É através da obra de Jabor que este trabalho ganha vida com um corpus bibliográfico rico em possibilidades.

Mas é através de outros teóricos que esta análise tornar-se-á possível. Michel Pêcheux, Foucault, Eni Orlandi, dentre outros teóricos e estudiosos da língua, servirão como orientadores para esta jornada de estudo da obra. Através de alguns dos principais conceitos e definições sobre AD propostos por Michel Pêcheux e Foucault, poderemos sistematizar o nosso objeto de estudo (o discurso) e compreendê-lo.

Para atingir o objetivo proposto, a pesquisa sobre Análise do Discurso consiste na elaboração de um roteiro bem definido sobre como proceder a Crítica do Discurso em um corpus bibliográfico. Com base na pesquisa elaborada sobre Análise do Discurso, serão suficientes os subsídios para a análise do discurso contido na obra selecionada e, portanto, a verificação da prática discursiva, já vislumbrada antes na teoria.

A pesquisa bibliográfica dar-se-á através de diversas fontes, tais como livros, monografias e teses. Trata-se de uma abordagem qualitativa, visto que além do referencial teórico, faremos observações e pesquisas em cima de um objeto pré-definido. Em suma, podemos dividir o trabalho basicamente em duas etapas: Explinar os principais teóricos que trabalharam com a Análise do Discurso e suas ideias centrais e alguns de seus conceitos; analisar a obra escolhida com base na teoria estudada sobre Análise do Discurso, ou seja, proceder com uma Análise do Discurso.

3423

2. ANÁLISE DO DISCURSO

De acordo com Eni Orlandi² em sua obra *Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos*, a Análise do Discurso não trata da língua, ou mesmo da gramática, embora se interesse por ambas. De acordo com a autora o discurso é “lugar em que se pode observar a relação entre língua e ideologia” (p. 17).

A Análise do Discurso se dá entre a linguística e as ciências sociais, pois questiona tanto a linguística (que exclui o que é histórico-social ao pensar a linguagem), como questiona as ciências sociais (uma vez que estas desconsideram a materialidade da língua).

² ORLANDI, E. P. *Análise do Discurso: Princípios e Procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 2001.

Suzana Oliveira Martins³ ao discorrer sobre o discurso esclarece que a linguagem enquanto discurso é um modo de produção social, ou seja, é o lugar apropriado para a manifestação da ideologia.

Para Orlandi, ideologia representa os sentidos institucionalizados, admitidos por todos como naturais, ou seja, não há uma ocultação do sentido de determinado discurso, mas o esquecimento de sua origem, fazendo com que determinado discurso ganhe “autonomia”, fale por si.

O que aqui se propõe é um trabalho de pesquisa em Língua Portuguesa, com enfoque na disciplina Análise do Discurso (AD). Mais especificamente, uma análise discursiva da obra *Eu Sei Que Vou Te Amar*.

É, pois, o principal objetivo desta pesquisa compreender as construções ideológicas presentes na obra supracitada. Em uma perspectiva ordenada foram selecionados dois grandes teóricos que versam sobre o tema em pauta a fim de abranger o conteúdo da maneira mais esclarecedora possível.

2.1 MICHEL PÊCHEUX

A Análise do Discurso surge juntamente com outras disciplinas num rompante com o estruturalismo Saussuriano. Se o *Curso de Linguística Geral*, publicação póstuma dos registros do genebriano Ferdinand de Saussure, deu início a Linguística, é, pois, em 1969, com Michel Pêcheux, em sua obra *Análise Automática do Discurso*, que o discurso ganha cena como objeto de análise. Pêcheux defende que seria necessário um nível intermediário entre a língua, externa e social, e a fala, interna e individual, conceitos propostos por Saussure. Este nível intermediário seria o discurso.

A Análise de Discurso proposta pelo francês leva em consideração o sujeito, a língua e a história. Ele trabalha estas relações de forma a compreender que todo o dizer está ligado as suas condições de produção. Todo discurso é composto por uma rede de enunciados e todo enunciado é mutável ou suscetível a tornar-se outro (adquirindo outro sentido) dependendo do discurso no qual se encontra.

Ele entende também que por trás de todo “dizer”, existem outros dizeres, ou seja, outros discursos presentes no discurso daquele que diz. Para Pêcheux o discurso é um objeto sócio-

³ MARTINS, Suzana Oliveira. Análise do Discurso. Disponível em <http://share.pdfonline.com/3e29b6b460054735a6a599781doeebe9/analised%20do%20discursoartigo_20110220121606.htm>. Acesso em 18 de outubro de 2013.

histórico em que o linguístico está pressuposto. Entende-se com isto que o discurso está inserido em um determinado contexto e é construído por ele, mas é através da língua que este discurso se materializa.

Sua principal proposição sobre a Análise do Discurso é justamente sobre o conceito de “*Interdiscurso*”. De forma genérica pode-se dizer que Pêcheux caracteriza o interdiscurso como a constituição dos diversos discursos do qual o sujeito se apropria para constituir o seu próprio discurso. Ou seja, percebe-se a presença de diversos discursos dentro de um novo discurso. Mesmo que o sujeito não perceba que reproduz o discurso de outro, ainda sim ele está lá. O discurso dentro do discurso, o Interdiscurso!

O sentido de um determinado discurso depende das posições sustentadas por àqueles que o produzem, ou seja, as formações ideológicas nas quais essas pessoas se inserem. São vários os elementos que constituem a formação do discurso e Pêcheux nos fala sobre as condições de produção do discurso, a formação discursiva e a formação ideológica.

2.2 INTERDISCURSO

[...] toda formação discursiva dissimula, pela transparência de sentido que nela se constitui, sua dependência com relação ao “todo complexo com dominante” das formações discursivas, intrincado no complexo das formações ideológicas...”⁴ 3425

O interdiscurso, para Pêcheux, representa aquilo que orienta o deslocamento das formações discursivas. O processo do interdiscurso é o que trás à tona as lembranças, as repetições de outros discursos. Pode também apagá-los ou fazer com que sejam esquecidos, ou seja, através do interdiscurso o sujeito que fala, muitas vezes não percebe que aquilo que fala, já foi dito. Todo discurso está permeado por outros tantos discursos e que fatalmente são esquecidos.

Significa também que o interdiscurso são os vários discursos existentes e possíveis que atravessam o discurso daquele que o diz. Por isso o interdiscurso está estritamente relacionado também às formações ideológicas, pois é o local onde se constituem os objetos de saber, o discurso.

Existe uma relação muito forte entre o Interdiscurso (o já dito) e o intradiscurso (o que se está dizendo), pois, enquanto o interdiscurso é o que torna um novo discurso possível, o

4 POSSENTI, Sírio. Observações sobre Interdiscurso. Disponível em: <<http://discursividade.cepad.net.br/EDICOES/02/arquivos2/Sirio%20Possenti.pdf>> Acesso em: 27 de outubro de 2013.

intradiscurso é o novo discurso já organizado, interno ao sujeito. Ambos, unidos e imbricados, formam a linha do dizível...

2.3 FOUCAULT

Foucault foi outro grande teórico que se destacou ao abordar a Análise do Discurso. Para o autor, nada é dito por alguém sem que antes este alguém tenha ouvido por outro, ou mesmo sem estar neste ou naquele lugar, pois essas posições definem várias perspectivas daquilo que vai ser dito e de como será dito. É por isso que o discurso é um relacionamento complexo que define suas próprias regras de exercício de *enunciação e enunciado*.

Para Foucault o discurso é “uma prática que relaciona a língua com ‘outra coisa’, é aquilo a que Foucault chama de ‘prática discursiva’”.⁵ Em sua obra, *Arqueologia do Saber*, discorre sobre as condições de exercício da função enunciativa (aspectos históricos, geográficos, econômicos, linguísticos, etc.,) uma prática que relaciona a língua a algo externo a ela, a *prática discursiva*.

A análise discursiva ou enunciativa vai descrever as condições de existência daquilo que é dito, pois, parafraseando Foucault, as coisas que foram ditas sempre dizem muito mais do que elas próprias. Por isso, para Foucault, a Análise do Discurso procura encontrar regras que definem as condições de existência dos acontecimentos discursivos.

3426

2.4 PRÁTICA DISCURSIVA

Em *Arqueologia do Saber*, Foucault conceitua discurso como “um conjunto de enunciados, na medida em que se apoiem na mesma formação discursiva”.⁶ É necessário, pois, para compreender a prática discursiva, compreender também o que são os enunciados ao qual o autor se refere, bem como a que vem esta formação discursiva que o mesmo autor nos aponta.

O enunciado está apoiado em um conjunto de signos, busca-se procurar o enunciado em sua descontinuidade, ou seja, não é em seu contexto de produção que se situa ou compreende-se o enunciado, mas em sua relação com outros enunciados. Sobre a relação entre os enunciados, Foucault nos aponta que:

...[não há] enunciado livre, neutro e independente; mas sempre um enunciado fazendo parte de uma série ou de um conjunto, desempenhando um papel no meio dos outros, neles se apoiando e deles se distinguindo: ele se integra sempre em um jogo enunciativo, onde tem sua participação, por ligeira e ínfima que seja. [...] Não há enunciado que não

⁵ CORDEIRO, Edmundo. Foucault e a existência do discurso. Disponível em < <http://bocc.ubi.pt/pag/cordeiro-edmundo-foucaultd.html>>. Acesso em 17 de outubro de 2013.

⁶ FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Foucault e a análise do discurso em enunciação**. Disponível em < <http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2010/04/artigo-09.pdf>>. Acesso em 24 de outubro de 2013.

suponha outros; não há nenhum que não tenha, em torno de si, um campo de coexistências.

O enunciado é a essência do discurso, já institucionalizado, incorporado e materializado pela sociedade, uma função que possibilita a realização de uma enunciação. Sobre o enunciado Foucault ainda explica que:

[...] pondo em jogo unidades diversas (elas podem coincidir às vezes com frases, às vezes com proposições; mas são feitas às vezes de fragmentos de frases, séries ou quadro de signos, jogo de proposições ou formulações equivalentes); e essa função, em vez de SAR um 'sentido' a essas unidades, coloca-as em relação com um campo de objetos; em vez de lhes conferir um sujeito, abre-lhes um conjunto de posições subjetivas possíveis; em vez de lhes fixar limites, coloca-as em um domínio de coordenação e de coexistência; em vez de lhes determinar a identidade, aloja-as em um espaço em que são consideradas, utilizadas e repetidas.⁷

A enunciação, por sua vez, é constituída por diferentes enunciados e produz determinado efeito de acordo com a realidade espaço-temporal, mas a enunciação, diferente do enunciado, jamais se repete, é singular, pois em cada espaço ou tempo em que for proferida, assumirá uma função enunciativa diferente. Pode-se dizer que enunciado é o que possibilita a enunciação, e a enunciação é a própria ação, é o ato.

A formação discursiva, diz respeito à ideologia que cerceia e une estes enunciados, pode-se dizer que a formação discursiva é constituída por paráfrases, uma vez que é um espaço onde os enunciados são retomados e reelaborados, é o espaço onde se interligam discurso e ideologia.

3427

[...] um feixe complexo de relações que funcionam como regra: ele prescreve o que deve ser correlacionado em uma prática discursiva, para que esta se refira a tal ou qual objeto, para que empregue tal ou qual enunciação, para que utilize tal conceito, para que organize tal ou qual estratégia. Definir em sua individualidade singular um sistema de formação é, assim, caracterizar um discurso ou um grupo de enunciados pela regularidade de uma prática.⁸

A prática discursiva é, por sua vez, a manifestação da formação discursiva, ou seja, conforme Foucault é um “conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa”. Em suma, para Foucault, a prática discursiva significa produzir um discurso de acordo com determinadas regras, com certas regularidades. É de acordo com Foucault que prosseguiremos com nossa análise.

⁷ JOANILHO, André Luiz. JOANILHO, Mariângela P. Galli. **Enunciado e Sentido em Michel Foucault**. Disponível em < <http://www.revistalinguas.com/edicao27e28/artigo2.pdf> > . Acesso em: 24 de outubro de 2013.

⁸ FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Foucault e a análise do discurso em enunciação**. Disponível em < <http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2010/04/artigo-09.pdf> > . Acesso em 24 de outubro de 2013

3. A OBRA “EU SEI QUE VOU TE AMAR”

Esta é a história de um casal recém-divorciado (seis anos de casado) que se reencontra depois de três meses. Através dos diálogos do casal, uma típica discussão de relacionamento (DR), a história vai se desenvolvendo. Os pensamentos, os sentimentos e a própria arbitrariedade entre aquilo que dizem um para o outro e aquilo que sentem realmente são expressos de forma apaixonada. As confissões e delírios deste casal alternam entre momentos de romance, paixão e raiva. Escrito a partir do filme, *Eu Sei que Vou Te Amar*, este livro é um diálogo ardente, de amor e medo. Retrata de forma única as discussões de relacionamento entre os casais “sempre diferentes, sempre as mesmas”.

3.1 CONTEXTO HISTÓRICO

3.1.1 HISTÓRIA

O filme *Eu Sei que Vou Te Amar* foi lançado em 1986, sob a direção de Arnaldo Jabor e teve como protagonistas do diálogo amoroso Fernanda Torres e Thales Pan Chacon. “Há vinte anos, *Eu Sei que Vou Te Amar* foi visto por mais de 4 milhões de pessoas, ganhou o Palma de Ouro para Fernandinha e virou meio cult para jovens, ávidos por entender esse mistério de amor e sexo.” Arnaldo Jabor.

3428

Como estes discursos emergem? Como contam sua história acerca da sua origem? O discurso amoroso emerge da necessidade humana de compreender, rotular e identificar qualquer temática subjetiva e abstrata da natureza. Não basta sentir, é preciso decifrar. É o próprio amor que o sujeito ama e não o objeto... É acerca dele, do amor, que se pretendem versar todos os filmes, todas as histórias, todas as músicas. . . E assim surge o discurso amoroso, uma história sobre a própria história, não interessam os protagonistas, ou mesmo o cenário, uma vez que o desfecho e, muitas vezes, até mesmo o enredo já está pronto, o que realmente importa é o efeito que este discurso (ou “metadiscurso”) produz.

Desde o consagrado *Romeu e Julieta*, de *Shakespeare*, que se glorificou justamente pelo drama, pela impossibilidade de concretização desse amor, até os romances mais atuais, como o filme campeão de bilheterias *Titanic*, o amor impossível é aclamado. A obra em questão para análise não foge à regra, pois também se fundamenta no discurso da dor, no amor impossível, no amor complicado, no amor que destrói. Este é o nosso discurso amoroso, esta é a sua essência e a sua alma.

O discurso se revela através dos diálogos estabelecidos entre os dois protagonistas. Através da conversa que estabelecem, um cenário típico se apresenta ao leitor, a do amor

impossível. O amor que se vê fadado ao fracasso. A confusão que uma personagem provoca em outra fica evidente através dos pensamentos transcritos na obra:

Isto aqui é uma jarra... porta-retrato... copo... real...vida real... isto é um disco... real... silêncio... silêncio... uma doença... meu Deus, meu Deus, eu tenho de me livrar deste homem... me livrar... ele penetra tudo... é invencível porque é bom... não me mata... por que ele não me mata? ... Ou morre?... Este filho de uma putona não morre... queria ver um monte de lixo com os... dois... olhos verdes dele brilhando no meio... no lixo... os dois olhos verdes... (p. 32)

O pensamento confuso, os diversos elementos que aparecem em uma mesma enunciação, elementos aparentemente desconexos, mas que transmitem a sensação da mulher diante do homem com o qual se depara. A sensação misturada, complexa, um misto de raiva, de admiração, que se mesclam numa raiva por admirar. Ela não sabe se mata ou se morre, não sabe se é lixo ou se é invencível, mas entre tantos paradoxos está a verdade (inconsciente) da personagem por trás do pensamento: Ele é o lixo invencível pelo qual ela morreria e mataria!

É desta forma que o texto vai se desenvolvendo, através de um discurso antagônico, que tem por trás outros discursos de amor, mas que se atravessam na realidade triste do casal que vivencia este amor.

CATÁSTROFE. Crise violenta no decorrer da qual o sujeito, sentindo a situação amorosa como um impasse definitivo, uma armadilha da qual nunca poderá sair, se vê fadado a uma destruição total de si mesmo. (BHARTES, p. 61, Fragmentos de um Discurso Amoroso).

3429

3.1.2 INSTITUIÇÕES

A obra combate o casamento. Na verdade, o discurso presente na obra combate e reforça esta instituição. Combate no sentido de que trás a tona toda a ideologia machista que está por trás do casamento e reforça no sentido de que mostra que apesar da ideologia que perpassa a instituição, os protagonistas se amam e se convertem em um casal novamente. Na obra, os papéis de “macho alfa” e “homem da casa” ficam bem estabelecidos. O homem é o provedor do sustento familiar e a mulher é a puritana dependente que fica a mercê dos mandos e desmandos do seu homem.

Mas, em um dado momento, ambos se defrontam com os papéis que representam, com aquilo que a sociedade impunha e se revoltam não apenas um contra o outro, mas contra si mesmos e contra a relação que mantinham.

[...] eu... eu fiz de tudo pra essa mulher... mas ela só lembra dos erros... mulher só lembra dos erros... mulher só contabiliza coisas negativas... só... “estraguei a vida dela”... tá legal... e as milhares de vezes que eu a protegi sem ela saber, hein? E a mão protegendo dos golpes do mundo, hein? E a contemplação muda da ingenuidade, e os ensinamentos

discretos? E a carícia desinteressada? E a ejaculação contida pelo bem dela? E a muda concordância e a bobagem consentida para evitar o triunfo sobre a juvenil ignorância? Nada conta? (p. 51)

Fica explícito neste trecho que ele adentra totalmente o papel de “macho”. O homem sabido que escuta as “bobagens” da sua mulher para o bem dela. O triunfo é dele, sem dúvida. A proteção que ele oferece diante dos “golpes do mundo”. São estas atitudes, essas ações que corroboram o seu papel dentro da instituição, mas foram justamente estas ações, institucionalizadas pelo casamento (homem protetor, forte, sábio) que destruíram o relacionamento. Não obstante, foi também esta mesma instituição que os uniu. A posição que o homem ocupa e que lhe é imposta, ao mesmo tempo em que o enche de orgulho, também o sobrecarrega de responsabilidades.

A mulher também fica em um papel “mitificado”, como uma dama dos tempos da literatura romântica, intocável, ingênua, inatingível. É o que atrai o seu homem e também o que o afasta. Atrai no sentido de que ela é o retrato da perfeição, mas afasta porque é tão perfeita que homem nenhum jamais a atingirá. Esta é a nossa protagonista, perfeita e morta aos olhos do seu homem:

Rosas... Eu olhava minha mulher dormindo... e pensava: “ A vida é perfeita. “ Rosas brancas tremem, a grama está molhada, nosso quarto, o rosto dela... a vida é perfeita! O mundo era harmônico, eu tinha tudo organizado para tua felicidade, e você destruiu! Você dormindo... o mundo era harmônico... então você quis ir embora... me abandonou... e destruiu tudo... (p. 53)

3430

Esta é a instituição social que permeia nossos sujeitos, não apenas esta, mas a de mais impacto, pois é o que fundamenta o amor dos tempos antigo, o amor religioso, sacramentado pelo próprio Deus: O casamento! O véu e a grinalda, o branco do vestido simbolizando a pureza e virgindade da moça. A moça pura, o homem forte, a sociedade aplaudindo, mantendo e defendendo os valores morais da sociedade. A ideologia de uma sociedade machista que se manifesta através de uma instituição opressora que reproduz um discurso manipulador que visa escravizar e subjugar não apenas a mulher, mas o homem também. Escravizam-se, impõe a si mesmos conceitos que os aprisionam porque alguém, em um dado momento, em certa época, determinou assim.

4 ESTRUTURAS INTERNAS DA OBRA

4.1 TEXTO

[...] Meu Deus... por que o corredor da minha casa era tão profundo... só a infância é verdadeira... por que as árvores ficam escuras e tremem?... por que o mundo era tão lindo e sinistro? E hoje só resta areia seca... e eu que pensava: “Vou crescer... vou casar com

um vestido de baile branco... um sonho de valsa... vou casar com um oficial da marinha... lindo... vou dançar...” (p. 61)

Dentro de cada palavra escrita é possível encontrar a dor da personagem, a mulher que sonha e se lamenta pelo rumo que sua vida tomou. Uma mulher que criou uma fantasia infantil e hoje se depara com uma realidade cortante.

Por que será que o céu dos meus sete anos tinha tantas estrelas?... A vida vai piorando à medida que você cresce? A morte é um deserto que vai sendo descoberto?... Só os sonhos existem? Estou ficando louco, estou mergulhando numa piscina de espelhos quebrados... (pag. 67)

O mesmo ocorre com o homem que também se percebe incapaz diante das expectativas da mulher, dos sonhos que ela sonhou só, se enxerga impotente diante da “princesa” de vestido branco. Encontra a morte dentro de si mesmo, pois quanto mais homem ele se torna, mais infeliz ele fica.

Importante reparar também nas reticências frequentemente utilizadas pelo autor da obra. Indicam uma constante no pensamento. Nada é finito. Não é um pensamento acabado, até porque os pensamentos não cessam. Estilisticamente, é um recurso que produz um efeito de continuidade. A mistura dos tempos (infância, fase adulta, morte), também atribui aos pensamentos uma sensação de familiaridade para com o leitor, pois os pensamentos não são cronológicos, são embaralhados e remetem às várias etapas da vida. São, pois, textos que se aproximam da realidade de tal forma que cativam e comovem quem os lê. Tudo na obra é verossímil.

3431

Ela está rindo... como é linda a boca dela... isto: boca dela... um belo ato falho, uma cadela rindo... cadela nada, coitada... uma pobre mulher... lá vou eu com minha tendência para ser mãe dela. (p. 21)

Além disso, se valem de uma linguagem coloquial (até mesmo vulgar) e de sentimentos e expressões destes sentimentos que frequentemente ocorrem na realidade. Mas no trecho acima citado, o homem (saliente-se que em nenhum momento foi nomeado durante o livro), se confunde quanto aos sentimentos que nutre por sua mulher. Ao mesmo tempo em que a ofende também a perdoa, mas não a perdoa apenas porque é um bom homem. Perdoa porque acha que é superior e, portanto, deve perdoá-la.

Novamente, o homem macho se faz presente e a mulher frágil, necessitada, que precisa de redenção está em foco. Estes são os textos que ditam o andamento do livro, são fragmentos de um discurso machista e também amoroso que regem a obra, através de uma familiaridade com o real, através da *mimese*.

Também é experimentado aí um jogo de linguagem a ser explorada, a cacofonia “boca dela” como recurso estilístico. O duplo significado que o homem sugeriu a expressão, sendo que, se de um lado exulta a mulher “como é linda a boca dela”, de outro, ofende: “cadela sorridente”.

Ele, o homem, que é fruto do imaginário do autor... Homem que reproduz o discurso de seu criador (o autor)

Na realidade são vários textos. O texto do autor e o texto das personagens. O texto do autor está repleto de uma ideologia, de uma semântica própria da época do autor, do contexto histórico do autor do seu espaço-temporal. O texto das personagens tem um espaço e tempo criados pelo autor, no entanto partilham da mesma ideologia que o autor idealizou, pois as personagens são sua criação, seus filhos.

O texto que estamos analisando aqui é o texto das personagens, a forma como eles se relaciona, a forma como as palavras se articula e, é através das enunciações das personagens que podemos intuir um enunciado que nos orienta sobre o sentido da obra, logo sobre o objetivo do autor.

Se a Análise do Discurso é esgotar o inesgotável, o que, infelizmente, não é possível nesta humilde análise, é importante delimitar o nosso corpus teórico, neste caso, o texto das personagens e através destes textos, a ideologia do autor que as criou, o que pretendia e por quê.

3432

Existem infinitas possibilidades, são múltiplos os detalhes. Desde a escolha vocabular do autor para cada uma de suas personagens, até os sinais gráficos que usa em detrimento de outros.

Sim, são frases de impacto! São discussões tensas sobre um encontro que não se sabe ao certo que fim terá (ao menos para o leitor). Desde o início da obra, homem e mulher são sujeitos personificados, desprovidos de nomes, pois representam uma “tipificação” do homem e da mulher em seus momentos mais íntimos.

Confessam segredos um para o outro. Dizem coisas que não queriam dizer, dizem muito mais do que falam, pensam em voz alta e se perdem quando tentam dizer seus pensamentos. Pensam e pensam... Iniciam a obra já pensando em como será o encontro.

Cada um na sua ânsia pelo outro, transforma toda saudade em raiva, e toda raiva em culpa por senti-la. Raiva por sentir saudade e culpa por sentir raiva. Uma mescla de sentimentos aflora...

FALTAS. Em certas pequenas ocasiões da vida cotidiana, o sujeito acredita ter ofendido o ser amado e experimenta por isso um sentimento de culpa. (BHARTES, p. 168, Fragmentos de um Discurso Amoroso)

4.2 OBJETO

Os objetos do texto são o casamento e o amor. Depois são subobjetos que derivam destes, tais como o machismo depreendido do casamento, a loucura depreendida do amor. O casamento das personagens já nasce falido, pois desde a primeira noite juntos o homem macho se revela, se mostra para sua donzela como um homenzarrão, capaz de dar prazer para outras mulheres, inclusive para a sua prima, a Aranha, fazendo com que a mulher se sinta inferior, menosprezando-a. Esta postura leva a sua mulher quase a frigidez:

- Dois anos... e daí?... Eu quase fiquei fria... cada vez que ia gozar eu pensava: “Lá vou eu ter um orgasminho ridículo perto do prazer da Aranha...” Ele está comparando... lembrando dela... será que ela gemia? (p. 47)

A loucura resulta daí e o amor também está implícito. Ela o ama tanto que suporta a humilhação, mas enlouquece toda vez que percebe. Ela enlouquece por amá-lo e vice-versa, pois ele apenas se impõe como macho, porque teme os sentimentos que nutre por ela e assim ele a magoa e se magoa. Eles enlouquecem. Enlouquecem quando reproduz a “velha história”: A do homem que é tão homem que não pode amar e da mulher que é tão mulher que tem de aceitar aquilo que lhe é ofertado. Velha história ou casamento? O casamento ao mesmo tempo em que é instituição, também é objeto e fator determinante para as condições de produção do discurso que os sujeitos reproduzem, pois é vivenciando a realidade (ou fantasia) do casamento que são impulsados a sentir o que sentem e dizer o que dizem.

3433

Esses são os objetos com os quais a obra trabalha.

4.3 SUJEITO

Os sujeitos estão inconformados com a situação em que vivem. O homem e a mulher são os principais sujeitos. Na verdade, as personagens representam o um sujeito coletivo, tanto para o homem como para mulher. Com já dito anteriormente, ocorre uma “tipificação”, uma espécie de caricatura do homem e da mulher, revelando pensamentos tipicamente femininos ou masculinos, comportamentos próprios, sentimentos particulares a um ou a outro. Através destes sujeitos pode-se encontrar outros tantos sujeitos para fora da obra, pois o leitor se identifica com as personagens e se revela a partir deles.

O discurso masculino típico, recauchutado pelo tempo, embevecido pela instituição que a ele deu o poder de dominar os relacionamentos. Ele fala sobre como a mulher o submeteu ao poder da sua “boceta” quando ela o traiu. Ou seja, quando ela buscou o próprio prazer, ela o ofendeu. Prazer, este, que ele não era capaz de oferecer. Para salvar-se da mulher que ele viu

crescer e se agigantar diante de seus olhos, com uma vagina devoradora, ele precisou dormir com outras vinte e sete mulheres, para se sentir mais viril, se sentir menos vítima, se sentir menos dominado:

- Ouve: em um momento eu deixei de gostar de você... olha... deixa eu tentar explicar... estas mulheres... isso foi um exercício de liberdade que eu fiz... eu estava aprisionado num rancor monógamo contra você que ia me levar à morte... quando você se apaixonou por outro... houve entre nós... caiu entre nós um raio elétrico... e a única maneira era eu me salvar de você...

Ele se amedronta diante da libertação dela:

[...] e fui recuperando minha alma... minha alma tinha sido engolida pela tua boceta... feito água indo pro ralo... você sendo um gigante e eu sendo engolido, eu era um anão... os edifícios altíssimos... eu só andava nos elevadores de serviço, tinha inveja do mendigo...

Ele adocece, porque a presença dela o intimida. Tentando recuperar a própria alma (leia-se orgulho) ele procura por outras mulheres. Sente-se diminuído como um anão. Não se considera mais digno, porque já não é mais o macho-alfa... Finalmente, ele confessa a própria loucura: “- Me separei de você porque te amava demais...”.

O autor se apropria de metáforas e comparações para expressar o sentimento de desconforto de sua personagem. Recursos estilísticos que dão impacto à fala, como “engolida pela tua boceta”. Na verdade, é a libertação do prazer feminino que engole o orgulho do homem, mas em poucas palavras e traduzindo exatamente o sentimento do homem descornado, realmente trata-se de uma alma engolida por uma boceta. 3434

Ela tenta incessantemente uma reaproximação. Um diálogo honesto, mas ele é escorregadio, a verdade o afugenta:

Eu sabia que você não agüentava!... É impressionante como este cara não agüenta ser amado!... Agora quando eu falo um pouco de verdade... de emoção... “aceita um drinque?” Que drinque? Cara... tu é barman, que drinque? Só se for coquetel das minhas lágrimas com tua hipocrisia!...

Apesar da linguagem coloquial, apesar dos diálogos serem uma reprodução exata da fala das personagens, a própria fala das personagens é uma fala repleta de jogos, são personagens se apropriam de recursos como metáforas e ironias para brincar com o sentido das enunciações. O emissor deseja produzir um efeito e através de expressões poéticas como “coquetel de lágrimas” ou ironias como “tu é barman, que drinque?”, deixa expresso à raiva e indignação presentes no ato enunciativo.

Estou louco de amor, não estou louco de poder dizê-lo, eu desdobro minha imagem: sou demente aos meus próprios olhos (conheço o meu delírio), perdi simplesmente a razão

aos olhos dos outros, a quem conto comportadamente minha loucura: consciente dessa loucura, discurso sobre ela. (BHARTES, pág. 215, Fragmentos de um Discurso Amoroso)

Não são sós os sujeitos formais que nos falam, mas todo sujeito enquanto objeto deste discurso amoroso. O amor, a culpa, o casamento, a dor, a loucura, todas as temáticas vivenciadas pelas personagens nos falam sobre como estes sentimentos nascem, como eles ocorrem e como cessam (ou não). Estes sentimentos nos falam, ou se apresentam a nós, através das falas das personagens, através das emoções que expressam e, desta forma, consegue-se perceber a presença deles no texto e observar como determinam o discurso das pessoas, mas principalmente como também já foram determinados.

Também já foram institucionalizados como a loucura, ou o amor, todos já estão naturalizados na mente e no cotidiano das pessoas, mesmo que não se saiba ao certo como definir tais sentimentos. Dizem então à toa “fulano está louco”, sem saber o que é o “louco”, ou “eu te amo”, sabendo pouco ou quase nada sobre o amor.

Sobre o “Eu-te-amo!”:

Eu-te-amo: não têm empregos. Essa palavra, tanto quanto a de uma criança, não está submetida a nenhuma imposição social; pode ser uma palavra sublime, solene, frívola, pode ser uma palavra erótica, pornográfica. É uma palavra que se desloca socialmente. (BHARTES, pág. 150, *Fragmentos de um Discurso Amoroso*).

5. FORMA DE CONTRUÇÃO DA OBRA

5.1 LIGAÇÕES

Quais são os contrastes entre as formas de falar? Tem-se aqui tanto contrastes semânticos, como vocabulares...

Ela está rindo... como é linda a boca dela... isto: boca dela... um belo ato falho, uma cadela rindo... cadela nada, coitada... uma pobre mulher... lá vou eu com minha tendência para ser mãe dela. (p. 21)

No que se refere aos contrastes semânticos e vocabulares, saliente-se o duplo significado que o homem sugeriu à expressão “boca dela”, sendo que, se de um lado exulta a mulher “como é linda a boca dela”, de outro, ofende: “cadela sorridente”.

Isto aqui é uma jarra... porta-retrato... copo... real...vida real... isto é um disco... real... silêncio... silêncio... uma doença... meu Deus, meu Deus, eu tenho de me livrar deste homem... me livrar... ele penetra tudo... é invencível porque é bom... não me mata... por que ele não me mata? ... Ou morre?... Este filho de uma putona não morre... queria ver um monte de lixo com os... dois... olhos verdes dele brilhando no meio... no lixo... os dois olhos verdes... (p. 32)

Os paradoxos mantidos entre as ideias no trecho acima também dão ideia de contrariedade, contrastam entre si. Antíteses como matar ou morrer também sugerem uma arbitrariedade à enunciação feminina. Mas este não é o nosso discurso, são apenas fragmentos isolados, dos quais pode-se deduzir que há mais nestas palavras do que, de fato, pensamos ler (ouvir, enxergar), existe em todas elas um “quê” de ambíguo, uma porção significativa de mistério.

Os elementos são desconexos, “jarra, porta-retrato, copo, real”, mas este é exatamente o efeito que o autor deseja produzir: imitar um pensamento. O pensamento, como já dito anteriormente é contínuo e se dá através da livre associação e é assim que ocorre com a personagem. Ela visualiza objetos tentando se situar, se localizar. Ela está delirante, precisa do concreto para se sentir estável, então procura objetos, como jarra, ou porta-retrato, qualquer coisa que lhe pareça real. Suplica então pelo silêncio, pelo silêncio da alma, pois seus pensamentos estão agitados e finalmente conclui que para acalmá-los ou mata o motivo de sua angústia ou morre. Como se ambos não pudessem existir. Caso contrário, seria uma existência caótica, ou catastrófica. Presos em uma rede de amor e medo.

O contraste entre os discursos masculinos e femininos:

3436

HOMEM: ... eu... eu fiz de tudo pra essa mulher... mas ela só lembra dos erros... mulher só lembra dos erros... mulher só contabiliza coisas negativas... só... “estraguei a vida dela”... tá legal... e as milhares de vezes que eu a protegi sem ela saber, hein? E a mão protegendo dos golpes do mundo, hein? E a contemplação muda da ingenuidade, e os ensinamentos discretos? E a carícia desinteressada? E a ejaculação contida pelo bem dela? E a muda concordância e a bobagem consentida para evitar o triunfo sobre a juvenil ignorância? Nada conta? (p. 51)

MULHER:... Meu Deus... por que o corredor da minha casa era tão profundo... só a infância é verdadeira... por que as árvores ficam escuras e tremem?... por que o mundo era tão lindo e sinistro? E hoje só resta areia seca... e eu que pensava: “Vou crescer... vou casar com um vestido de baile branco... um sonho de valsa... vou casar com um oficial da marinha... lindo... vou dançar...” (p. 61)

HOMEM: (...) Eu sei que minha presença te fará nervosa, tuas mãos ficarão úmidas, sei que você se arrumou melhor para me ver, sabe dos vestidos que eu gosto, botou uma calcinha sexy por via das dúvidas, eu sei que você sabe que eu sei de tudo que você era e que eu único tesouro é o que eu não sei mais...

MULHER: (...) e tua voz vem do mundo dos altos, dos fortes, e eu, mesmo sabendo do perigo que esta paz me oferece me arrumei toda para vir aqui ver você... penteei os cabelos negros que você ama, me pintei e então... tudo que se movia na rua se acalmou, pego um táxi e penso: “Tenho um homem” e salto na rua, mexem comigo e penso: “Chamo meu homem. Ele te bate”.

Ele ama à sua maneira, forte e protetor. Ele ama como manda a sociedade e ela **se rende** a esse amor. Render-se... Rende-se porque é um amor que coage; rende-se porque não é um amor de igual para igual, é o amor de um homem forte por uma mulher desprotegida. É o contraste

discursivo mais tenso dentro da história, a forma como ambos se comporta diante da sociedade e diante um do outro. São marionetes do casamento.

“Chamo meu homem. Ele te bate”. A mulher também sucumbiu à força do homem, foi dominada. Ela precisa de alguém que a proteja, não interessa a que preço, então ela se mostra louca: “Sei que você vai me receber sórdido e filho-da-puta, e aos poucos vai me provar que você é o porto-seguro e eu a galera enlouquecida...” Os dois já dialogam muito antes de se encontrarem, já decidiram o que fazer muito antes de fazerem. Ele sabe como ela vai se portar diante dele, sabe que ela vai se esforçar para agradar, ele conhece a mulher que ele tinha e a prevê, antecede cada movimento dela, como se estivesse se preparando para uma guerra, mas ela tem um trunfo: aquilo que ele já não sabe mais! Estão dispostos a tudo para ficarem juntos, mesmo que isso signifique a própria destruição. Este é o grande contraste, é o paradoxo que orienta as personagens: Amar e destruir!

6. MENSAGENS QUE O TEXTO PRETENDE TRANSMITIR

6.1 IDEOLOGIA

Como os discursos presentes na obra se ligam a outros discursos opressivos? Quais suas ligações com o presente?

3437

Os outros discursos se ligam aos discursos presentes na obra a partir do momento em que se entende que existe um discurso machista opressor dentro da instituição casamento. Esse mesmo discurso machista e opressor é que o dita os papéis que as personagens incorporam. São os estereótipos sociais que as personagens mantêm, como, por exemplo, a do homem protetor que provém o sustento da casa e da mulher frágil e dependente do amor de seu homem. Ao mesmo tempo em que mantém esta relação estreita com o discurso machista e opressor do casamento, as personagens combatem (inconscientemente) os próprios papéis que representam.

No momento em que o homem (personagem) assume diante da sua mulher que nas noites de folga transava com um homem travestido de Marylin Monroe e que apreciava ver o parceiro atrás do espelho o “possuindo”, demonstra claramente a sua insatisfação com o papel de “macho” que ocupava durante a rotina diária do casamento. Desvela-se aqui o combate ao discurso opressor da instituição casamento, aos papéis que esta instituição prega através das atitudes avessas do marido.

- Uma vez... rondando pela noite... eu peguei uma mulher na rua... linda... loura... igual a Marylin Monroe... levei pro motel, na hora! Cheguei lá e vi que era um travesti... lindíssima... e aí... e aí... eu fiz ela me comer... eu fui comido pela Marylin Monroe! Eu olhava no espelho e via a Marylin Monroe me beijando as costas... eu... um pai de família brasileiro... um homem de bem... graças a Deus... dei para a Marylin Monroe! (...) e

sentia que havia um homem mau morrendo em mim... morrendo... morrendo... um macho canalha morrendo em mim...

A esposa, por sua vez, também confessa que nas noites em que o marido não estava em casa, ia fantasiada até a esquina e transava com outros homens como se fosse uma prostituta. Ela insinua não querer ser mais aquela mulher bondosa, pura e dependente. É dona do seu próprio prazer.

- Silêncio! Ouve!... Foi a coisa mais pura da minha vida... quando eu penso... como explicar? Um rio... um rio de esperma... e eu dentro do rio... braços... bocas... eu ia descendo o rio de esperma feito um balé aquático... homens passando... gemendo... que coisa maravilhosa ser puta! Toda mulher brasileira deveria ser louca e prostituta!... há uma hora em que a gente começa a morrer... aí, tem de sair... eu saí... será que foi de verdade? Sonhos? Foi a época que eu mais te amei... (pág. 90)

Ambos estão insatisfeitos com a ideologia dominante. Ambos procuram se libertar do discurso que está enraizado não mais somente na instituição, mas também na própria relação dos dois, discurso que incorporaram e esqueceu-se de onde provinha. Ideologia torpe que passou a nortear a relação do casal e destruí-la pouco a pouco ao oprimir as reais vontades de cada um.

ABISMAR-SE. Lufada de aniquilamento que atinge o sujeito apaixonado por desespero ou por excesso de satisfação. (BHARTES, p. 23, Fragmentos de um Discurso Amoroso)

7. PÚBLICO E OBJETIVO

7.1 PODER

Quais categorias de pessoas ganham e perdem? Quem lhes promoverá e quem se lhes oporá?

Antigamente, quando ainda os velhos costumes da Igreja Católica eram o centro de tudo e determinavam o destino da história, era conveniente que manter uma sociedade machista e patriarcal. O casamento era desta forma, uma maneira de garantir que as mulheres fossem controladas, subjugadas e dominadas não apenas pelos seus maridos, mas por toda sociedade. O discurso religioso era perpassado pelo machismo, na verdade, ambos os discursos se completavam a fim de atingir um determinado objetivo: garantir poder aos homens.

Assim, logo que passaram a libertar seus escravos, as mulheres assumiram as funções “do lar”, tomaram para si as funções das escravas e, até hoje, muitas mulheres reproduzem este comportamento. São completamente submissas dentro de casa e não assumem outras tarefas. Comportam-se, inclusive sexualmente, como se estivessem realizando um préstimo ao seu senhor.

O discurso se religioso e machista se perpetuou de tal maneira que mesmo naquela época, mulheres imbuídas de culpa, temerosas a um Deus (homem) entregavam umas as outras. Esta

mesma culpa tem acompanhado as mulheres no decorrer dos anos e, não à toa, até hoje, as mulheres que não são subservientes aos seus esposos, maridos, ou mesmo, que tem uma postura mais ousada são chamadas de “vadias” umas pelas outras. O discurso se internalizou de tal maneira que toda e qualquer forma de subversão feminina é atacada ferozmente como libertinagem ou satanismo.

Quem combate esse discurso? Grupos feministas que se revoltam contra essa ideologia arcaica e opressora, essa ideologia que destrói e aniquila relacionamentos, fazendo com que as pessoas confundam amor com casamento.

7.2 REFLEXÃO

Escolher rótulos ou designações das formas de *falar*, os discursos...

As falas estão impregnadas de insatisfação, raiva, paixão, amor. São pensamentos ou conversas com elementos desconexos. A sensação de incoerência eventualmente percebida durante os diálogos é própria do discurso amoroso.

Os discursos estão repletos de culpa, insatisfação sexual e afetiva sacramentada como próprias do casamento, internalizadas como se fosse o habitual, como se um relacionamento “fosse isso mesmo”. A infelicidade conjugal é tida como comum normal. O discurso machista (que norteia a posição dos sujeitos), o discurso religioso (imbuindo às personagens de culpa) e o discurso amoroso, uma mescla destes dois discursos (machista e religioso) são os que perpassam a obra.

Este é o discurso amoroso presente na história, a formação discursiva se dá através desses dois discursos, machista e religioso e a prática discursiva se dá como um discurso amoroso. Na verdade, é a noção de amor que já foi deturpada pelos outros discursos. Toda a discussão amorosa, os conflitos internos das personagens advêm de uma formação ideológica comum à maioria das pessoas, uma formação ideológica machista-religiosa. Justamente por isso os leitores do livro se identificam com a história, justamente por isso o próprio autor define estas discussões como sendo “sempre diferentes, sempre as mesmas...”.

Pedimos ao amor que nos dê um pedaço de vida verdadeira, de morte verdadeira. Não lhe pedimos a felicidade, nem o repouso, mas um instante de vida plena em que os contrários se fundam e vida e morte, tempo e eternidade, compactuem.” Octávio Paz.

CONCLUSÃO

É realmente complicado realizar uma Análise do Discurso. Integrar todos os termos, todas as expressões, relacionar o conhecimento teórico sobre a AD com a prática é desafiador.

Mas não faz com que a experiência seja menos interessante e construtiva. A análise em si permite que se observem todos os detalhes de obra, detalhes que não se enxerga apenas durante uma leitura, detalhes que só são notados quando há uma reflexão profunda sobre o que se quer dizer, sobre realmente qual efeito a obra deseja produzir. O que aparentemente é apenas uma história de amor, como no livro *Eu Sei que Vou te Amar* se desvela em uma crítica social aos relacionamentos ditados pelo conservadorismo religioso e machista.

Não existe apenas um instante durante a primeira leitura em que não haja emoção, um impacto muito forte causado pelos diálogos, que impedem que se perceba a profundidade da obra dado a passionalidade dos textos. Durante uma releitura crítica, no entanto, fica muito claro a presença dos outros discursos, do discurso machista, do discurso religioso, do culto a infância que nos remete a religiosidade, do culto a culpa também nos remete a religiosidade, da imposição dos papéis sociais tão bem definidos pela nossa cultura que também nos remete fundamentalmente ao machismo. É importante salientar que a AD consiste em esgotar o inesgotável, verificar todas as possibilidades, todos os discursos presentes, os discursos que identificamos através da materialidade da língua, mas que é oriundo e também se projeta em um comportamento social. Existe aí uma correlação entre língua e sociedade que permite compreender o discurso dominante dentro de um determinado contexto de produção, levando em consideração também as suas condições de produção. A grande questão levantada no início desta pesquisa foi sanada no decorrer deste trabalho: “Qual efeito discursivo a obra pretende produzir?”. Ao que me cabe, a obra procura produzir uma revolta, um descontentamento com a situação atual dos relacionamentos, destacando formações ideológicas destrutivas que influenciam diretamente nas relações amorosas, que incutem nos homens e mulheres um discurso amoroso convencionalizado.

3440

REFERÊNCIAS

Abordagens Qualitativas de Pesquisa. Disponível em: <http://www.cesarromao.com.br/redator/item24132.html>. Acesso em 01 de outubro de 2013.

BARHTES, Roland. **FRAGMENTOS DE UM DISCURSO AMOROSO.** 16ª ed. Rio de Janeiro. 2001.

FERREIRA, Mauricio dos Santos and TRAVERSINI, Clarice Salete. **A análise Foucaultiana do discurso como ferramenta metodológica de pesquisa.** *Educ. Real.* [online]. 2013, vol.38, n.1, pp. 207-226. ISSN 2175-6236.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Foucault e a análise do discurso em enunciação**. Disponível em < <http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2010/04/artigo-09.pdf>>. Acesso em 24 de outubro de 2013.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. 2^a ed. São Paulo. 2005.

JABOR, Arnaldo. **Eu Sei Que Vou Te Amar**. 2007. Ed. 1^a. ISBN: 9788573028102

JOANILHO, André Luiz. JOANILHO, Mariângela P. Galli. **Enunciado e Sentido em Michel Foucault**. Disponível em < <http://www.revistalinguas.com/edicao27e28/artigo2.pdf>> . Acesso em: 24 de outubro de 2013.

MARTINS, Suzana Oliveira. **Análise do Discurso**. Disponível em < http://share.pdfonline.com/3e29b6b460054735a6a599781doeebe9/analised%2odo%2odiscursoartigo_20110220121606.htm>. Acesso em 18 de outubro de 2013.

MUSSALIN, Fernanda. **Análise do Discurso**. In: MUSSALIN, Fernanda & BENTES, Anna Christina. **Introdução à Linguística: Domínios e Fronteiras**, Vol. II, 3.ed. São Paulo: Cortez, 2003.

NOGUEIRA, Conceição. **Análise do Discurso**. Disponível em: < http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/4355/1/Capitulo_analise%2odo%2odiscurso_final.pdf> . Acesso em: 18 de outubro de 2013.

ORLANDI, E. P. **Análise do Discurso: Princípios e Procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 2001.